
Educação Física

REBECA DALLE VEDOVE

**FUTEBOL FEMININO: SUA HISTÓRIA E A
BUSCA PELA IGUALDADE**



Rio Claro - SP
2021

REBECA DALLE VEDOVE

FUTEBOL FEMININO: SUA HISTÓRIA E A BUSCA PELA
IGUALDADE

Orientador: Prof^o Dr Adalgiso Coscrato Cardozo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Rio Claro - SP
2021

V416f	<p>Vedove, Rebeca Dalle</p> <p>Futebol feminino: sua história e a busca pela igualdade / Rebeca Dalle Vedove. -- Rio Claro, 2021 38 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biotecnologia, Rio Claro Orientador: Adalgiso Coscrato Cardozo</p> <p>1. Futebol feminino. I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biotecnologia, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Agradecimentos

Obstáculos, tanto físicos como emocionais, eles que guiam o caminho para as conquistas que realizamos, e comigo não foi diferente. Um caminho que envolveu muitos fatores externos e que no meio disso tudo eu encontrei minha força e minha vontade de lutar por mim.

Agradeço primeiramente a pessoa que conheci dentro dessa universidade e que fiz dela meu parceiro de vida. Esteve 100% presente de corpo e alma em todos os momentos para que eu conseguisse chegar até aqui, meu amor, Pedro. Obrigada por ter me ajudado e ter me auxiliado a ser quem eu sou hoje.

Minha mãe, aquela que mesmo passando por situações que eu jamais irei compreender a complexidade e a dificuldade, esteve todos os dias emanando energias positivas e de suporte para que eu conseguisse vencer meus obstáculos.

Aos meus pais do interior que cuidaram e cuidam como se eu fosse filha deles, e ao suporte emocional que me deram para eu conseguir passar por essa etapa.

Ao meu irmão que me auxiliou no processo de elaboração do meu trabalho e durante a jornada acadêmica e que esteve comigo durante momentos em que quase me perdi.

Ao Prof. Dr. Adalgiso Coscrato por ceder seu tempo e ter aceitado participar desse projeto.

E por fim, mas não menos importante, agradeço à minha pessoa, por tudo que eu passei desde que nasci e tudo que futuramente irei passar, por nunca desistir, mesmo em situações em que tentei, e querer sempre passar pela conclusão das etapas em que vivi.

RESUMO

O futebol feminino desde seu surgimento sofreu muito com o preconceito e com a sociedade machista que dominava tanto a prática como o público apreciador do esporte. No Brasil não foi diferente, onde as mulheres tiveram que batalhar historicamente para conseguir seu papel e a aceitação da sociedade e dos governadores para tornar a prática do esporte legal e com os mesmos recursos que o futebol masculino possuía. Depois de muitos anos desde sua primeira aparição, o futebol feminino ainda sofre com o preconceito da mulher na prática, com a exposição machista na mídia e com a desigualdade salarial comparada com os atletas do futebol masculino. A história e os desdobramentos dessa luta pela igualdade das atletas dentro do esporte e como profissionais serão abordados no presente trabalho.

Palavras-chave: História do futebol feminino. Preconceito no futebol feminino. Desigualdade salarial no futebol feminino. Exposição do futebol feminino na mídia.

ABSTRACT

Since its emergence, women's football has suffered a lot of prejudice from a macho society that had dominated both the practice and the public who appreciate the sport. In Brazil it was no different, where women had to fight historically to get their role and the acceptance of society and governors to make the practice of sport legal and with the same resources that men's football had. After many years since its first appearance, women's football still suffers from the prejudice of women in the practice, with the macho exposure in the media and with a salary inequality compared to male football athletes. The history and unwinding of this struggle for the equality of athletes within the sport and as professionals will be included in the present work.

Key-words: Women's football history. Prejudice in women's football. Salary inequality in women's football. Women's football exposure in the media.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVO.....	10
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	11
4. REVISÃO DE LITERATURA	12
4.1 História do futebol feminino.....	13
4.1.1 História do futebol feminino no Brasil.....	14
4.2 Preconceitos das atletas dentro do esporte	17
4.3 Exposição do futebol feminino na mídia	22
4.4 Patrocínio e retorno salarial	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

A história do futebol feminino vem difundida junto à história do futebol mundial, onde partidas eram realizadas para fins recreativos pela classe operária, já que para a realeza uma prática só era considerada um esporte se a mesma simulasse situações de combate (OLIVEIRA, 2012). Em 1894, segundo a Federação Internacional de Futebol (FIFA), Nettie Honeyball, publicou um anúncio em um jornal britânico dizendo que havia vagas para um time de futebol que ela tinha fundado. Houve o aparecimento de 30 mulheres. Assim, o British Ladies Football Club foi fundado como o primeiro time de futebol feminino.

A primeira partida oficial de um jogo de futebol feminino foi realizada no dia 23 de março de 1895 em Crouch End, Londres, na Inglaterra. Neste dia o time de Nettie Honeyball se dividiu em duas equipes, a equipe norte e a equipe sul, para representar as duas extremidades de Londres. Finalizando o jogo com a vitória do time do norte por 7-1 (BARLEM, 2018). Um jornal da época fez uma matéria mencionando essa partida com o seguinte comentário:

“Verdade, jovens homens correriam mais e bateriam mais forte, mas além disso, eu não posso acreditar que eles mostrariam qualquer outro conhecimento maior ou habilidade na execução. Eu não penso que o futebol feminino deva ser extinto por causa de importantes artigos escritos por velhos sem simpatia por tanto pelo futebol como um jogo quanto pelas aspirações de jovens mulheres. Se o futebol feminino morrer, será uma morte difícil.” (BARLEM, 2018).

Em 1918 o governo britânico tornou o futebol legal para as mulheres, já que por conta da primeira guerra mundial os homens foram mandados para as batalhas e as mulheres ficaram em função das indústrias e do comércio e conseqüentemente formaram times para representar suas empresas. A mais famosa foi a Dick, Kerr's Ladies F.C., de Preston, Inglaterra. Assim o futebol teve seu renascimento junto ao movimento de direitos das mulheres no país. A equipe de Dick, Kerr se tornou a mais famosa da Inglaterra atraindo mais de 50 mil espectadores durante o *Boxing Day* em 1920.

A alegria do esporte feminino não durou muito tempo. Em 1921 o parlamento britânico foi pressionado pelo conservadorismo para tornar a prática do futebol feminino em estádio ilegal, pois com o final da guerra não haveria motivos para que as mulheres treinassem o esporte de caráter

masculino e sim voltar para suas funções ditadas pela sociedade (SILVA, 2019).

Segundo a FIFA, quando o banimento da prática do futebol feminino foi suspenso em 1971, devido à alta popularidade do esporte, a Associação de Futebol Feminino (WFA), que foi criada dois anos antes, consolidou e promoveu o futebol feminino novamente no continente europeu e realizou a primeira final da copa da WFA na Escócia, com a Inglaterra ganhando das anfitriãs por 3-1.

No Brasil o futebol teve seus primeiros registros em 1920, de forma discreta em jornais, pois o futebol feminino era visto como um show em vez de uma partida esportiva. Em 1940 as mulheres começaram a prática em estádios, e essa visibilidade fez com muitos não gostassem do rumo que o esporte estava tomando no Brasil. Assim em 1941 o Conselho Nacional de Desporto proibiu a prática do futebol feminino aos dizeres de que as mulheres não deveriam praticar esportes que não fossem adequados para sua natureza (TARRISSE, 2019).

Durante o governo militar em 1965, outro decreto de lei, da proibição da prática do futebol feminino, mais detalhado foi publicado. O Decreto-Lei de número 3.199, de 14 de abril de 1941, no capítulo “IX: Disposições Gerais e Transitórias”, dizia:

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (TARRISSE, 2019).

Assim como na Inglaterra, na década de 70, o futebol feminino voltou a ser uma prática legal na sociedade. Com isso em 1983 a regulamentação do esporte ocorreu e calendários de jogos, competições e treinamento em escolas passaram a existir. Dois clubes de futebol feminino ganharam destaque durante essa época, o Esporte Clube Radar, de Copacabana, Rio de Janeiro, e o SAAD, de São Caetano do Sul, São Paulo.

O clube carioca ainda segue como o maior campeão da Taça Brasil com seis vitórias seguidas, entre 1983 e 1988, se juntarmos todas as competições que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) realizou pela modalidade. O clube teve um importante papel para o esporte, pois foi o mesmo que realizou a

volta no esporte, no Brasil, após a queda da lei que proibia a prática, e acabou sendo a primeira seleção brasileira a ser formada, com todas as atletas do clube fluminense (AUGUSTO, 2020).

O primeiro evento mundial de futebol feminino foi realizado pela FIFA na China, em 1988, e teve como principal objetivo ser um campeonato experimental para atrair as maiores seleções e assim avaliar se o evento se tornaria algo procurado pela população. O Brasil levou sua seleção, que foi formada com atletas do Clube Radar (RJ) e do Juventus (SP), que apresentava os maiores resultados na época. O Brasil se classificou em terceiro lugar no geral, levando a medalha de bronze para casa, entre as 12 seleções participantes do campeonato (TARRISSE, 2019).

Apenas em 1990 a CBF realmente assumiu o time brasileiro de futebol feminino a fim de participar de primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1991. A equipe selecionada se manteve semelhante a do campeonato experimental ocorrido na China, porém o Brasil foi eliminado na primeira fase, perdendo para Estados Unidos e Suécia.

Nos Jogos Olímpicos de Verão, de 1996, em Atlanta, Estado Unidos, o futebol feminino estreou como um esporte olímpico e se classificou em quarto lugar. Apenas em 1999 a seleção brasileira de futebol feminino conquistou sua primeira classificação em pódio oficial, na Copa do Mundo de Futebol Feminino nos Estados Unidos, ficando em terceiro lugar a seleção levou medalha de bronze para casa. O gol da partida contra a Nigéria que garantiu a vitória do jogo para o Brasil, realizado pela jogadora Sisi, ainda é lembrado como uma das jogadas mais bonitas em mundiais (TARRISSE, 2019).

Em 2003, Marta Vieira da Silva iniciou sua carreira na seleção brasileira e foi para sua primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino nos Estados Unidos. O time brasileiro não levou medalha, mas a jogadora começou a ser notada pela mídia e ser chamada para a contratação em times internacionais. No mesmo ano o Brasil se tornou medalhista de ouro pelo esporte nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, na República Dominicana.

Com o sucesso da seleção brasileira de futebol feminino o esporte foi se tornando mais visível no país e assim atraindo mais visibilidade e investimentos, porém isso não deixou de afetar o preconceito da mulher dentro do esporte, que desde seu início sofreu com o patriarcado estrutural da

sociedade e a desculpa de que o esporte era “naturalmente” praticado por homens.

A mídia retratava o futebol feminino na maior parte do tempo de forma pejorativa, até que durante o mundial de 2003, nos Estados Unidos, o jornalista e comentarista Armando Nogueira publicou uma matéria no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, que retrata exatamente os velhos preconceitos sofridos pelas atletas na sociedade:

[...] As moças da seleção se queixam de que são tratadas como mimosas pudicas. O técnico Paulo Gonçalves manda aliviar nos treinos físicos. Elas, ao contrário, querem pauleira o tempo todo. Que história é essa de pensar que somos bibelôs? Na verdade, as moças repudiam discriminações. A mulher moderna, que se afirma no esporte, não aceita velhos preconceitos. Com elas, a banda toca de outro jeito: nem caserna, nem convento. E, como não conseguiram dobrar o comandante, partiram para a rebelião [...].

Além de todas as questões sociais que o futebol feminino enfrenta, outro ponto chave na luta pela igualdade dentro do esporte é a desigualdade salarial entre as atletas do futebol feminino e os atletas do futebol masculino. Atletas famosos do mundo do futebol masculino chegam a ganhar milhões por mês dentro de temporadas, enquanto atletas do futebol feminino mal recebem um salário fixo mensalmente.

Segundo a Forbes, o atleta Lionel Messi, atual jogador do time de Barcelona, na Espanha, ganha anualmente US\$ 84 milhões. Porém uma comparação com a soma do salário de 1.693 atletas de futebol feminino, em um ano, não chega a US\$ 423 milhões. A ONU Mulheres fez uma reflexão importante para esse tópico, “Se eles jogam o mesmo esporte, no mesmo nível, por que não recebem o mesmo salário?”.

As mulheres recebem 80% do salário que os homens recebem dentro do mesmo cargo no mercado de trabalho, com isso a desigualdade salarial dentro do esporte não é nada mais que a continuação desse reflexo machista na sociedade em que vivemos (CAPELO, 2019).

O caminho da atleta do futebol feminino sempre foi de muita luta e muita determinação, assim no presente trabalho iremos ver a fundo essa jornada do início até a atualidade.

2. OBJETIVO

O objetivo geral do presente estudo é de refletir sobre o desenvolvimento do futebol feminino, a desigualdade salarial de atletas do masculino e do feminino e o preconceito que a atleta sofre dentro do futebol feminino profissional.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Com a finalidade de estudar sobre o futebol feminino desde a sua história até os problemas sociais e salariais, o presente trabalho foi criado com base em uma revisão de literatura, que segundo Noronha e Ferreira (2002) é um estudo com base em análise de uma determinada área ou temática, dentro das pesquisas já publicadas. Assim o estudo foi realizado com finalidade de trazer um novo olhar para o que já está disponível com fins de abordar novas temáticas para discussões e questionamentos.

Quatro tópicos principais foram selecionados para que o trabalho seguisse uma linha contínua de raciocínio e de reflexões, abordando inicialmente sua história mundial e focando na história brasileira do esporte, o preconceito que as atletas do futebol feminino sofrem no mundo, a discrepância salarial entre as atletas e os atletas do futebol masculino e, por fim, a exposição do esporte na mídia e sua falta de visibilidade.

A pesquisa foi realizada por meio do banco de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico, sites esportivos e livros consultados no do sistema on-line da biblioteca da Unesp.

4. REVISÃO DE LITERATURA

Após pesquisar na literatura sobre a origem e o desenvolvimento do futebol feminino, foram elaborados tópicos, procurando a reflexão e embasamentos teóricos sobre o tema, além de trazer questionamentos sobre a atual situação da mulher no esporte.

Sendo assim os tópicos selecionados para o presente trabalho foram a história do futebol feminino no mundo e no Brasil, o preconceito das atletas dentro do esporte, a exposição do futebol feminino na mídia e a desigualdade salarial das atletas comparada a modalidade masculina.

4.1 História do futebol feminino

Quando o futebol começou a ser praticado pelos homens na Inglaterra e se popularizou pelos países, não era considerado um esporte e sim um “passatempo” que era praticado nas ruas e em lugares públicos, que tinha como objetivo simular o combate na guerra e tornar a tática dos soldados melhor dentro dos campos de combate. Devido à implementação da revolução industrial, a prática do futebol passou dos proletários e camponeses para a cidade onde a burguesia tomou o passatempo como esporte em si (OLIVEIRA, 2012). Com as competições e as criações de times que acabaram se tornando populares e levando ainda mais torcedores por onde passavam, as mulheres se viram reprimidas por conta das situações sociais que proibiam sua prática. Treinos de futebol eram realizados de forma clandestina por mulheres em galpões ou casas das próprias praticantes.

Conforme as mulheres foram se interessando cada vez mais pelo futebol e pela prática profissional, algo distante ainda para a época, a Nettie Honeyball, conhecida historicamente por ser a fundadora do primeiro time de futebol na Europa, publicou o famoso anúncio recrutando mulheres para o seu time, formando o British Ladies Football Club (FIFA).

Com a formação do primeiro time de futebol feminino o esporte praticado pelas mulheres tornou-se assunto na mídia, aumentando o número de mulheres com o conhecimento sobre o esporte e conseqüentemente pequenos times foram sendo montados pelo mundo e os treinos técnicos e a profissionalização desse esporte teve seu início.

O primeiro jogo oficial foi realizado na Inglaterra, em Londres, na cidade de Crouch End no dia 23 de março do ano de 1895, onde Nettie Honeyball desmembrou seu time em duas equipes, uma representando o sul de Londres e a outra representando o norte de Londres (BARLEM, 2018). A partida rendeu um jogo com placar de 7-1 para o time do norte, além da mídia toda que compareceu ao jogo, promovendo o jogo em si e o desenvolvimento da mulher dentro de um esporte considerado exclusivo para os homens até então.

Mais tardar com o início da primeira guerra mundial as mulheres se viam em casa sozinha enquanto seus cônjuges estavam lutando pelo seus países em batalha, com isso a prática e o treinamento do futebol feminino na Inglaterra tomou outra proporção, onde o próprio governo apoiava a prática e os

torcedores começavam a acumular-se por onde jogavam. O futebol feminino começou a tornar-se fonte de renda e de entretenimento para a população e assim as mulheres se viam como atletas aceitas e úteis para seu país.

Três anos mais tarde do fim da primeira guerra mundial em 1921, os campeonatos de futebol masculino estavam voltando aos poucos e o grande sucesso do futebol feminino estava começando a se tornar um grande ameaça em vez de algo complementar ao esporte.

Foi assim que a Federação Inglesa de Futebol (FA), pressionada pelos líderes do país e pela população patriarcal, se viu em uma situação onde as mulheres não “precisavam” mais se ocupar com o esporte por terem o tempo livre por conta dos homens estarem na guerra, e decidiu no dia 5 de dezembro de 1921 banir as mulheres de praticarem o futebol feminino nos estádios (SILVA, 2019).

Após serem questionados sobre a decisão, a FA justificou-se com atestados de médicos dizendo que a prática do futebol pelas mulheres traria graves danos físicos para a saúde das praticantes e a prática do esporte não deveria ser encorajada.

Em meio ao caos estabelecido pela FA os times se viram em uma situação onde a prática profissional estava proibida em estádios mas não em pequenos campos. Porém, se muitas mulheres se juntassem aos treinos era classificado como competição e assim descumprindo a lei. Com isso, muitas mulheres saíram do país levando seu legado pela Europa e descentralizando a atenção da FA sobre o futebol feminino.

4.1.1 História do futebol feminino no Brasil

Em 1894, Charles Miller desembarcou no Brasil pelo porto de Santos vindo da Inglaterra, junto a ele em sua bagagem trouxe duas bolas de futebol, uma bomba para enchê-las, uniformes, apitos e um livro com as regras e as principais táticas sobre o futebol (OLIVEIRA, 2012).

Charles Miller, considerado o pai do futebol, deixou o Brasil para estudar e quando retornou o país viu uma revolução democrática e a abolição da escravidão recém acontecendo, com isso os imigrantes começaram a chegar cada vez mais pela mão de obra oferecida pelo país. Com isso muitas culturas

e costumes adentraram o país e os europeus traziam o futebol como forma de “passatempo” no meio das ruas e vielas por onde se alojavam.

Na década de 1930, a primeira Copa do Mundo de futebol masculino aconteceu no Uruguai, fazendo com que o esporte se popularizasse pelo mundo todo. Leônidas da Silva destacava o Brasil no meio internacional e fazia do esporte ainda mais forte dentro do território nacional (CAIADO & FERRARI, 2019).

Não demorou muito para a elite se apropriar da prática e assim o esporte começar a ser praticado pelos homens dentro dos clubes de verão já existentes. As primeiras evidências de partidas realizadas por mulheres no Brasil apontam que uma partida foi realizada nos anos de 1920 no Rio de Janeiro, onde um jornal local exibia a data e horário que seria realizada a partida de futebol (TARISSE, 2019).

Ainda que divulgado a partida de futebol pelas mulheres, o jogo era visto como um espetáculo para entretenimento e não com cunho profissional igual as partidas de futebol praticada pelos homens. Assim foi a mulher dentro do futebol no Brasil até que em 1940 uma partida de futebol feminino aconteceu no estádio do Pacaembu e chamou ainda mais atenção da mídia e dos times já existentes do futebol masculino.

Em 1941 criou-se o Conselho Nacional de Desportos (CND) sob o comando do Ministério da Educação, na época, e assim tornaram proibida a prática do esporte apenas para as mulheres, a fim de tirar a atenção que o futebol feminino cada vez mais recebia e focar apenas no futebol masculino. O decreto-lei número 3.199, Capítulo IX: Disposições Gerais de Transitória, de 14 de abril de 1941, foi feito por Getúlio Vargas, com os seguintes dizeres:

Artigo 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

Apenas no fim dos anos de 1970 a lei foi revogada e o direito da mulher praticar o esporte legalmente havia retornado. Ainda assim o futebol feminino era rodeado por preconceitos e pelos paradigmas de uma sociedade machista e patriarcal, não recebendo patrocínios, apoio de torcedores e muito menos a regulamentação para tornar o esporte oficial no Brasil.

No mais tardar em 1983 o futebol feminino ganhou sua regulamentação, permitindo a criação de competições e um calendário com eventos e treinos aberto ao público para tornar a prática mais popular além do ensino da prática dentro de instituições de ensino e em clubes de esporte. Dois clubes principais se tornaram pioneiros no treino do futebol feminino, o Esporte Clube Radar, de Copacabana, no Rio de Janeiro, e o Saad, de São Caetano do Sul, em São Paulo (AUGUSTO, 2020).

A FIFA realizou um mundial experimental na China em 1988, o Women's Invitational Tournament, onde o Brasil foi representado por um time formado com atletas do Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, e do Juventus, de São Paulo. O time não tinha uniforme personalizado e tão poucas condições para isso, indo para o evento sem nenhum apoio do país, e apenas com fundos arrecadados pelas próprias atletas e com as sobras do time masculino (TARISSE, 2019).

O Brasil ficou com o terceiro lugar, medalha de bronze, e foi esse o marco do time feminino de futebol no país. Após o sucesso no mundial experimental, o time continuou treinando e recrutando novas atletas até o Conselho Brasileiro de Futebol (CBF) assumir o treinamento do time brasileiro de futebol feminino, mesmo ainda muito amador, para a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada pela FIFA em 1991. Com apenas um ano para o treinamento para a Copa, o Brasil foi eliminado logo na primeira partida e voltou para o país com ainda mais força para garantir a vitória no próximo campeonato.

Foi assim que em 1996 na primeira participação nas Olimpíadas, o Brasil levou um time cheio de veteranas no esporte e conseguiu a classificação em quarto lugar, muito perto de conseguir uma medalha olímpica. Com o futebol feminino tomando cada vez mais mídia e atletas pelo país, o pódio chegou em 1999 na Copa do Mundo de Futebol Feminino nos Estados Unidos, o Brasil conquistou o terceiro lugar, ficando com a medalha de bronze.

A Partir dos anos 2000 o time de futebol feminino no Brasil tornou-se mundialmente famoso e revelando talentos como a jogadora Marta e a atacante Cristiane, e assim conquistando medalhas olímpicas, títulos no Pan-Americano e posteriormente na Copa do Mundo.

4.2 Preconceitos das atletas dentro do esporte

Desde os primórdios a mulher sofre com o preconceito e a imposição de suas tarefas pelo o homem. Até os tempos atuais existem aqueles que acreditam que a mulher deve permanecer dentro de casa, cuidando das tarefas domésticas e dos filhos, enquanto o homem trabalha e traz a renda para a família, assim a mulher deve servir a pessoa que faz com que ela e os filhos tenham a estrutura física e material necessário para a vida, independente do quanto à mulher sofra psicologicamente e fisicamente para ter tudo isso (SANTOS et al, 2013).

Sendo assim, a introdução da mulher no esporte não foi, e nem está sendo diferente. O preconceito é colocado em diferentes formas, como por exemplo, na cultura, onde brinquedos são separados por gênero, pela cartela de cores, sua função, ou seja, bonecas são destinadas para as meninas e brinquedos como carrinhos, bolas esportivas e ferramentas de trabalho, como martelos, serras e chaves de fenda, são direcionados para os meninos (DAOLIO, 1997).

O preconceito mais vivido dentro esporte é o de gênero, onde o próprio ser humano quer restringir qual esporte pode ser realizado por quem. A mulher é colocada nesse meio de forma onde sua biologia é questionada para a prática dos esportes. No passado o futebol já foi exemplo dessa proibição por ir contra as funções biológicas da mulher, que segundo os médicos da época era apenas dar a luz aos bebês.

O Brasil como um país conhecido mundialmente por ser o país do futebol ainda batalha pela quebra dos tabus e preconceitos rodeados nas mulheres no esporte. Além de tudo, a torcida do esporte ainda é muito preconceituosa, onde vemos que o mesmo clube, tendo o time feminino e masculino, os jogos das mulheres recebe muito pouco torcida comparado com os jogos do time masculino. Silvana Goellner, pesquisadora do Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul afirma que:

"O papel que a nossa sociedade designa para as mulheres é secundário, não é um papel de protagonismo. E tem essa ideia de que o Brasil é o país do futebol. Quando se fala de um esporte que é a identidade nacional e que é representado sobretudo pelos homens e para os homens, isso piora. As mulheres entram ali e desestabilizam essa representação." (CRUZ, 2019).

Jogar futebol na rua é algo muito comum visto no Brasil, crianças e jovens se reúnem e com chinelos fazem o gol e uma bola no meio da rua a diversão é garantida. Agora, normalmente essas crianças e jovens são na sua maioria meninos, não sendo comum ver um grupo de meninas jogando futebol nas ruas. O que pode acontecer é ter uma ou duas meninas jogando junto com os meninos e assim os mesmos acharem aquilo diferente, mas não impedindo a prática das garotas. A bancária de 29 anos, Bruna Garcia, traz um pouco dessa visão em seu depoimento sobre a inserção da mulher desde pequena no esporte:

“Comecei quando tinha 6 ou 7 anos. Ia pra casa da minha avó e meu primo fazia bolinha com meia. A gente ficava jogando na sala. Na minha infância, eu sempre joguei na rua. No colégio em que estudei, fazia treino junto com os meninos. Jogo no videogame também. E não parei. Sempre gostei. Os meninos me chamavam de moleque porque eu jogava futebol e era a única menina no meio deles. Mas eu nunca dei ouvido a isso”(CRUZ, 2019).

Além das crianças, os pais também tinham uma visão preconceituosa com as meninas praticando o esporte. A proibição de certos esportes para gêneros específicos é algo que ocorre até na atualidade, onde o futebol é visto como um esporte adequado para o filho homem e não para a filha mulher. A visão machista do esporte é colocada muitas vezes silenciosamente no consciente do ser humano e acaba sendo reproduzido de forma “natural”. A consultora de vendas, Márcia Vieira, conta um pouco sobre:

“Tenho 47 anos. Quando jogava bola, minha mãe voltava do serviço e me via jogando com os moleques. Ela ficava de cara feia, mas, mesmo assim, eu sempre joguei com o pessoal. Já joguei futebol, basquete, já fui federada em vôlei – já que não podia jogar futebol. Nem basquete direito eu podia jogar porque o pessoal já tinha preconceito” (CRUZ, 2019).

Dentro da escola não é diferente. A realidade que os professores de educação física enfrentam diariamente em suas aulas é a participação dos meninos em quase 100% das aulas esportivas e as meninas apenas ficam sentadas conversando umas com as outras. Tipicamente em uma aula sobre o futebol o professor normalmente após apresentar a parte teórica, inicia-se a parte prática e a formação de times. Se o professor não tiver uma boa estratégia com a formação de algumas regras e uma visão inclusiva, para que todos os alunos, independente do gênero, tipo físico e habilidade, participem de sua aula.

Algumas estratégias para a total participação dos alunos é a inclusão de regras como número mínimo de passes antes de efetuar um gol, uma outra possibilidade também é passar por todos os jogadores do time a bola antes de concluir o gol, assim os alunos que têm maior domínio do esporte trabalham a cooperação e os alunos que normalmente não participam dessas aulas criam confiança para jogarem com maior frequência o esporte.

Especificando algumas regras que podem contribuir para a total participação das meninas durante as aulas de futebol na educação física escolar, podemos trabalhar os times mistos, que seria a melhor abordagem de início, pois com times mistos ambos os lados, as meninas e os meninos, vão sair do convencional e se desafiando. Os jogos podem começar sem caráter competitivo, apenas exercícios para trabalhar alguns dos princípios táticos do esporte e assim ir evoluindo para pequenas partidas de futebol. Ao longo de um trabalho de inclusão de gênero dentro de uma escola, os próprios alunos desenvolvem um senso de normalidade da diversificação dentro das aulas de educação física e assim começa a se tornar algo natural de modo que a participação das meninas seja algo recorrente em seus jogos.

Mesmo com o Brasil sendo conhecido mundialmente como o país do futebol, esse mesmo reconhecimento não é colocado para o futebol feminino. Mesmo o país promovendo atletas de grande conhecimento, como a Marta, os times do esporte no Brasil não possuem esse reconhecimento mundial. A falta de grandes ofertas para a mulher no futebol em território nacional faz com que muitas das atletas com grandes talentos vão jogar nos Estados Unidos da América (EUA), por conta da grande oferta de bolsas de estudos e em times com grandes estruturas para treinamento.

Nos EUA, o *soccer*, o nosso futebol é praticado majoritariamente por mulheres, enquanto os meninos predominam o futebol americano, o basquete e o beisebol (MENDONÇA, 2019). Desde a escola o futebol tem grandes oportunidades para as meninas, possuindo times de treinamento e desenvolvendo a parte técnica das atletas, encorajando a prática do esporte e dando oportunidades para as mesmas. A jogadora Julie Foudy, ex-capitã do time de futebol feminino dos Estados Unidos, bicampeã mundial e bicampeã olímpica, fala um pouco sobre esse acesso do esporte para as garotas:

"A beleza do nosso país é que temos muitas, muitas meninas jogando, acho que essa é a nossa grande vantagem. Acho que temos mais mulheres jogando no nosso país comparado com o resto do mundo somado. Mas é um país grande, então é um desafio fazer com que esse desenvolvimento seja igual em todos os lugares, sempre temos esse debate [...]" (MENDONÇA, 2019).

Nos Estados Unidos além de todo esse incentivo e oferecer a prática para as mulheres, o governo também dá grande suporte para o esporte, desde criação de leis para a proteção das atletas como o oferecimento de bolsas de estudos para o ingresso nas faculdades. Um estudo realizado pela FIFA em 2019 aponta que aproximadamente existem 9,5 milhões de meninas/mulheres que praticam o futebol de forma competitiva, disputando campeonatos, dentro do território estadunidense. Somando todas as atletas de futebol no mundo resulta em um número de 13,3 milhões de jogadores, assim os Estados Unidos representa uma porcentagem de 71% de todas essas mulheres atletas do futebol mundialmente. Os dados mostram também que atletas menores de 18 anos registradas oficialmente em clubes somam-se 1,5 milhão (MENDONÇA, 2019). Com números elevados como os EUA apresentam é justificável o porquê de o país garantir uma formação de atletas de tão alto nível, tanto para preencher a própria seleção dos Estados Unidos de futebol feminino, como para exportar essas atletas para outras seleções. A jogadora Julie Foudy também comenta sobre esse apoio do país em relação ao esporte:

"Temos leis muito fortes que permitem que as meninas joguem, elas têm a oportunidade também de jogar na faculdade também. A nossa liga profissional não é a mais forte, mas elas têm a chance de jogar. Isso ajuda a conseguir se manter no topo" (MENDONÇA, 2019).

Como exemplo de como o machismo atrapalha o futebol feminino no Brasil temos o caso da jogadora Catarina Macario, que desde criança praticava o esporte. Catarina começou treinando o futebol desde cedo e foi quando prestes a completar seus 12 anos vivenciou um episódio de machismo e fez com que houvesse mudanças em sua vida para poder praticar o esporte de forma livre. Logo antes de um torneio de futsal que Catarina iria participar junto aos meninos, por não existir um time feminino para competir, que de última hora foi proibida de participar do campeonato. Foi então que seu pai, José Macario, enviou uma carta via e-mail para uma escola em San Diego, na Califórnia, pedindo uma oportunidade para sua filha (CARVALHO, 2021).

"Eu não tive mais oportunidade de jogar com os meninos no Brasil, porque tinha uma regra que não me deixava jogar com eles depois dos 12 anos. Também não tinha nenhum time feminino que eu sabia que era bom. A única outra opção era ir para os Estados Unidos" explica Catarina.

Catarina deu então entrada aos Estados Unidos e assim iniciou sua carreira em território internacional, onde apoiavam sua participação e promoviam toda estrutura possível para que ela crescesse não só como mulher, mas também como atleta profissional. Depois de dois anos a Confederação de Futebol Brasileira tentou convocar Catarina para disputar pequenos campeonatos sub-17, porém Catarina recusou a oferta, pois seu desenvolvimento em território internacional havia crescido muito e ela já se sentia parte daquela nação de futuras jogadoras profissionais. Após várias recusas de convocação pela CBF, Catarina conseguiu dar entrada a sua permanência definitiva para morar nos Estados Unidos e assim firmou de vez sua jornada no futebol feminino, onde depois de formada na escola conseguiu entrar para a Universidade de Stanford, onde cursou Comunicação com bolsa de estudos através do futebol (CARVALHO, 2021).

4.3 Exposição do futebol feminino na mídia

O futebol tem um grande espaço nos noticiários de esporte e em eventos esportivos no geral. Quando se trata da exposição da mulher nesses veículos de imprensa a discussão torna-se um pouco mais complicada. Hoje vemos duas formas diferentes da mulher sendo retratada na mídia, a primeira sendo de forma comparativa com os jogadores do futebol masculino, e a segunda forma da mulher sendo um produto como se fosse comercializada.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina (MARTINS & MORAES, 2004).

O aparecimento do futebol na mídia não deve ser motivo de comemoração no sentido de inclusão das mulheres nas notícias. A imagem da mulher no futebol sempre está associada com a estética, padrões corporais, com a maternidade, masculinização da mulher. São muitos os motivos de que a mídia só expõe a mulher para agradar a população masculina, enfatizando ainda mais a sociedade machista em que vivemos.

O Brasil é um país onde o futebol é o principal esporte a ser exposto na mídia, entretanto quando citamos a palavra futebol, apenas o futebol masculino se classifica. A quantidade que o futebol feminino é exposto em reportagens é quase nula, ocorre apenas durante campeonatos importantes, como a Copa do Mundo de Futebol Feminina, ou quando jogadoras brasileiras recebem prêmios internacionais de grande destaque, como a Bola de Ouro Feminina, que premia a atleta com maior desempenho internacional no esporte.

Dentro de todas as dificuldades temos uma grande melhora na representação da mulher atleta nas mídias. A primeira ideia principal de expor jogadoras em jornais era de questionamento, duvidando da capacidade da mulher como atleta, “será que a mulher pode jogar futebol?”. Todo o questionamento sobre o corpo feminino poder ou não praticar o esporte sem haver danos a sua saúde e a sua rotina com as tarefas de casa e da criação dos filhos. Desse questionamento a mídia pulou para a objetificação do corpo feminino, erotizando as atletas e expondo-as de forma a agradar a população masculina (GOELLNER, 2005).

A objetificação feminina não é algo exclusivo apenas do futebol feminino, todos os esportes que a mulher participa sempre tem o espaço machista que sobressai na mídia, fazendo com que ainda nos tempos atuais a mulher seja vista por parte da população como forma de entretenimento no esporte, e não pela sua capacidade e talento. Muitas atletas vêm denunciando os ataques que sofrem na mídia e se tornou comum para a mulher “ter” que lidar com essas situações em seu cotidiano, sendo ela atleta ou não.

Em 2019 o Museu do Futebol, em São Paulo, inaugurou uma parte dedicada para as mulheres em sua exposição. Até então o Museu do Futebol era exclusivamente para mostrar a história e marcos do futebol masculino, sem nenhuma menção ao futebol feminino. Mesmo sendo temporária, a mostra “Contra-Ataque! As mulheres no futebol”, conta toda a narrativa do esporte feminino e ressalta pontos importantes das dificuldades e dos grandes passos que o esporte já alcançou no Brasil (LOURENÇO, 2019).

Um estudo realizado na Universidade de Campinas (UNICAMP) investigou a publicação de notícias sobre o futebol feminino em jornais e revistas durante um período de tempo. Constatou-se que o futebol feminino não é citado com frequência e quando chega a ser citado, acompanha todos os termos pejorativos que o esporte carrega. Em uma das publicações feita pela *Folha*, o título da coluna era “O tedioso futebol feminino”, sempre mostrando o esporte de forma negativa ou inferior ao esporte praticado pelos homens (MARTINS & MORAES, 2007).

O que mais torna problemático a forma como a mídia expõe o esporte feminino é exatamente a ausência de notícias e reportagens sobre o assunto. Quanto mais negligenciado um assunto, mais se torna comum e aceitável o fato de um esporte com tanto conhecimento nacional excluir e/ou não apoiar a prática por conta do gênero que está praticando.

Uma das formas de quebrar o preconceito e trazer o respeito para a sociedade é expondo e trazendo informação para todos, onde colocar as dificuldades como as grandes conquistas faz com que a visão do ser humano sobre aquele assunto seja mais ampla e clara. Com isso o Museu do Futebol tem como principal objetivo a conscientização dos adoradores do futebol masculino conhecer como um todo o futebol feminino e assim perceber o

quanto o futebol feminino é prejudicado pela mídia e pela ausência de apoiadores em nosso país.

Os times nacionais já fizeram inúmeras campanhas para a conscientização do espaço da mulher dentro do futebol, e ainda sim o futebol feminino continua sendo tratado de forma totalmente diferente que o futebol masculino. Em programas esportivos de televisão quando o futebol feminino entra em assunto muito dos comentários de como as mulheres atletas são belas e frágeis, de como a estética delas estão sempre impecáveis e se alguma atleta foge dos padrões de beleza, a mesma é criticada por não se encaixar nesses padrões (MARTINS & MORAES, 2007).

A convocação para a Copa do Mundo é um evento televisionado ao vivo para todo o mundo, pois é o momento onde os torcedores e até mesmo os atletas ficam sabendo das convocações para fazer parte do time da sua seleção pertencente. A cerimônia do futebol masculino é televisionada do começo até o fim e ainda conta com uma mesa redonda após seu término para a discussão sobre os atletas que foram convocados, os que deixaram de ser convocados e estratégias que o técnico do time pode estar usando para aquele ano. Já a convocação das mulheres é representada pela mídia em reportagens curtas que não chegam a somar 20 minutos ao total (CARTA CAPITAL, 2019).

Segundo estudo publicado por Martins e Moraes (2007), eles analisaram a repercussão da mídia do futebol feminino, durante as Olimpíadas a seleção brasileira foi ganhando cada vez mais espaço nos noticiários conforme ganhavam os jogos e avançavam cada vez mais para a final. Tanto os números de reportagens aumentaram como a forma como falavam das atletas foram melhorando, diminuindo a comparação com os homens e cada vez menos objetificando as atletas. Os telespectadores começaram a pedir cada vez mais reportagens sobre as atletas e a transmissão dos jogos ao vivo da seleção brasileira de futebol feminino durante as Olimpíadas.

A falta da mídia sobre o esporte feminino não só prejudica os atletas e sua visibilidade para os torcedores como também influencia futuras atletas. Conforme o ser humano se desenvolve, tudo ao seu redor influencia suas escolhas e seus gostos, assim uma garota, por exemplo, atleta do futebol vai ser ou se inspirar em grandes atletas do esporte. Quando a exposição dessas atletas é ineficiente por questões sociais, as futuras atletas perdem esse

acesso a grandes modelos femininos dentro do esporte e a falta de representatividade é um dos principais fatores de desistência das mulheres dentro do esporte (SOUZA & KNIJNIK, 2007).

Como a mídia é um reflexo da sociedade, conforme os padrões vão mudando e as tendências também, a mídia muda seu conteúdo e sua forma de transmitir as notícias do dia a dia. Nos dias de hoje cada vez mais é colocado em reportagens o descaso e as situações que a mulher vive e vem vivido no esporte, ainda menor que seja. Ao mesmo tempo em que seja bom só mostra o quanto a cadeia social comanda todos os meios de comunicação (BOSCHILIA & MEURER, 2006). Mulheres que apresentam programas esportivos são vistas com menos credibilidade do que apresentadores homens.

4.4 Patrocínio e retorno salarial

Uma realidade que as mulheres ainda enfrentam, dentre todas já citadas neste presente estudo, é a desigualdade salarial dentro do mercado de trabalho. Muitos avanços dentro da sociedade permitiu que as mulheres ganhassem cada vez mais espaço dentro do mercado de trabalho, porém ainda é comum observar o mesmo cargo dentro de grandes empresas onde o homem ganha mais em seu salário comparado com uma mulher exercendo a mesma função. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em um censo realizado em 2019, entre os anos de 2012 e 2018 ocorreu uma leve queda na diferença entre os salários das mulheres comparados com o dos homens, porém ainda a mulher ganha, em média, 20,5% menos que os homens no Brasil.

Inúmeros fatores influenciam nessa discrepância entre os salários de homens e mulheres, um deles é a jornada dupla de trabalho que a mulher vive. Em uma sociedade onde a mulher tem como papel principal cuidar da casa e da criação dos filhos, além da mulher possuir suas tarefas pessoais e domésticas ela possui seu trabalho fora de casa, assim o fator doméstico é um limitador para as mulheres, reduzindo a ocupação delas no mercado de trabalho. O IBGE aponta que os homens dedicam apenas 11 horas do seu tempo para as tarefas de casa, enquanto as mulheres dedicam 21,4 horas diariamente do seu tempo para as atividades domésticas. Em uma realidade onde a mulher trabalha fora de casa e quando retorna do trabalho continua trabalhando, a exaustão física e psicológica é um dos inúmeros fatores que faz com que a mulher abandone o trabalho fora de casa.

Dentro do futebol essa realidade não seria diferente. No Brasil temos um exemplo clássico da desvalorização da mulher dentro do futebol feminino, o caso da Marta. Marta Vieira da Silva é uma mulher que saiu do interior do Brasil para o mundo, nascida em Dois Riachos, Alagoas, quando criança jogava futebol no chão de terra batido e seu talento e determinação jogasse nos melhores e maiores estádios pelo mundo afora. A brasileira venceu seis vezes o prêmio de melhor jogadora do mundo realizado pela FIFA e pela France Football, uma prestigiada revista francesa de futebol, sendo a mulher mais premiada no futebol da história, igualando-se ao fenômeno do futebol masculino Lionel Messi, com seis títulos conquistados.

Em 2019, a revista France Football revelou que Marta conquistou o quinto maior salário de futebol feminino da temporada, sendo um total aproximado de 1,5 milhões, enquanto o famoso jogador de futebol masculino, Lionel Messi, contabilizou um salário de 650 milhões por temporada (ZALCMAN, 2020). Mesmo a brasileira sendo a jogadora mais premiada do esporte, a mesa recebe um salário que não pode nem ser comparado com os grandes jogadores do futebol masculino, afirmando cada vez mais o machismo estruturado que o futebol apresenta.

Segundo a Forbes, nos Estados Unidos o futebol feminino é uma grande potência e possui uma liga muito bem estruturada, onde as jogadoras profissionais recebem em torno de seis mil dólares anuais até aproximadamente 30 mil dólares. Uma renda de seis mil dólares por ano segue em uma classificação abaixo da pobreza federal americana, que gira em torno de 11,7 mil dólares anuais. Nem mesmo em um país onde o esporte é ativo pela população e com grande visibilidade nacional os salários das atletas não chegam nem perto dos salários dos jogadores homens. O maior salário registrado pela Liga Americana Feminina de Futebol (NWSL) equivale apenas a meio por cento do salário do Kaká, que possui o maior salário registrado pela Liga Americana de Futebol (MLS).

O menor salário já registrado pela MLS foi de aproximadamente 60 mil dólares, sendo o dobro do maior salário registrado pela NWSL, ou seja, as mulheres atletas ganham 50% a menos que os homens, nos melhores casos, no meio esportivo e quando se manifestam sobre o assunto e trazem comparativos como argumentos são criticadas pela sociedade e colocadas dentro de questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade.

A ESPN realizou uma reportagem em 2016, feita pelo jornalista Mauro Cezar Pereira, sobre a realidade dos clubes de futebol feminino. O coordenador da CBF, Marco Aurélio Cunha, disse que a maior dificuldade em relação a campeonatos de futebol feminino no Brasil é a questão de que os próprios clubes não investem em seus times e com isso a participação deles é prejudicada. A falta de investimentos faz com que o treinamento das atletas seja prejudicado. A estrutura necessária para o deslocamento dessas atletas durante um campeonato somado a toda equipe técnica que a seleção feminina

necessita chega a ser utópica, pois a maioria dos clubes que possuem times femininos não leva essas atletas para competições.

Com todas as dificuldades existentes no Brasil, a FIFA acaba realizando poucos jogos para o futebol feminino pela falta de estrutura dos clubes. Por não ser recorrente o campeonatos do futebol feminino, quando os jogos acontecem às emissoras de televisão não transmitem os jogos, assim a falta do investimento influencia até sua exposição na mídia, pois se dentro do esporte as atletas não são valorizadas, a imagem delas também não irá render comparado com o futebol masculino.

Além da diferença salarial entre as atletas do feminino e os atletas do masculino, o patrocínio também gera polêmica no futebol feminino. Quando uma empresa ou marca decide patrocinar um time ou um atleta, a mesma deseja visibilidade da sua marca e das suas ações feitas com o patrocinado. Como no Brasil o futebol feminino não tem tanta visibilidade nas mídias, os patrocinadores não se interessam pela modalidade, não fazendo sentido para eles investir em um mercado que não gera altos rendimentos financeiros no país.

Até o ano de a seleção brasileira de futebol feminina utilizava os uniformes da seleção masculina, sem tamanho específico ou feito para o corpo feminino. Foi então que a Nike desenhou o uniforme da seleção feminina para a Copa do Mundo no Canadá. Tornando-se a patrocinadora oficial daquela copa o uniforme feminino possuía a seguinte frase nas costas da gola das camisas “Mulheres Guerreiras do Brasil”. Além da Nike, a Guaraná impulsionou o marketing do futebol feminino brasileiro, realizando a campanha publicitária através de comerciais televisivos dizendo que o futebol que o futebol feminino “É Coisa Nossa”, estrelando essa campanha tivemos as craques do time Andressinha e a Fabi Simões.

A Guaraná trouxe outros grandes patrocinadores para a seleção como o Boticário, a companhia aérea Gol, a Lay's, a agência publicitária Almap BBDO e o Banco Itaú, que mesmo se tornando patrocinador divulgava a seleção feminina de forma recatada sem muitos anúncios. Ainda sim com todos os patrocinadores do time as atletas possuem seus patrocinadores particulares, marcas que utilizam da imagem das atletas para fins publicitários. Marta como forma de protesto contra a falta de patrocínio durante a Copa do Mundo de

Futebol Feminino usou uma chuteira sem o símbolo da marca com um desenho em rosa e azul representando a igualdade do futebol feminino e masculino.

Os grandes eventos esportivos são financiados pelos grandes patrocinadores e pelos órgãos públicos de onde o evento é realizado. Esses eventos têm como prêmios um valor em dinheiro, títulos e troféus. Segundo a Forbes em 2016, realizou uma pesquisa revelando os 10 eventos principais que mais bem paga os finalistas. Em primeiro lugar ficou o UEFA Champions League, campeonato de clubes de futebol masculino da União Europeia, premiando o time vencedor com um aproximado de 43,4 milhões de dólares. O segundo campeonato mais bem premiado ficou com a UEFA European Football Championship entre os times europeus de futebol masculino, realizado em 2012, premiou o time campeão com um prêmio de aproximadamente 33 milhões de dólares.

Na lista dos 10 eventos esportivos mais bem premiados, todos são eventos de esportes praticados por homens. Os eventos de competição esportiva feminino não possuem tanta visibilidade e nem todo o investimento que os eventos masculinos atualmente possuem. Os poucos patrocinadores e investidores dos eventos de futebol feminino no Brasil as vezes nem divulgam o time com o receio da população torcedora do esporte masculino reclamar ou atacar de alguma forma a empresa.

Essas empresas e marcas patrocinadoras trabalham com o investimento de atletas com fins de receber o dobro ou mais do seu investimento por meio da influência que esses atletas possuem no meio social e da mídia. Se as atletas do futebol feminino não estão diariamente na mídia, em veículos de imprensa e sendo citadas em jornais esportivos e nas redes sociais, logo as empresas de marketing e que cuidam da parte de pesquisa desses patrocinadores não irão achar o investimento válido, pois o lucro que será contabilizado para essas empresas não irá alcançar o que os mesmos números que os atletas do futebol masculino possuem.

Sem patrocínio, sem o acesso a grandes oportunidades, sem os reconhecimentos das atletas e a divulgação dos seus avanços em suas carreiras e em campeonatos, o esporte feminino não irá crescer e se firmar como deve. O caso já citado da jogadora de futebol Marta que entrou em campo com a sua chuteira sem patrocínio como forma de protesto fez com que

todos os canais de imprensa chamassem a atenção da desigualdade entre o futebol masculino e o feminino, mesmo assim o descaso com os times femininos e as atletas que vivem em condições difíceis para manter seus treinos e suas rotinas para o esporte continua em uma triste realidade, enquanto jogadores do futebol masculino ganham bilhões por ano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da mulher na sociedade é tema de discussão até hoje por conta dos preconceitos e da falta de igualdade da mulher dentro da sociedade de modo geral, do mercado de trabalho, nos estudos e principalmente dentro do esporte. Com isso temos que questionar e continuar questionando as diferenças entre as mulheres e os homens dentro do esporte.

A mulher no futebol vem lutando contra todos os tabus desde seu início na prática, onde a mulher era vista como forma de entretenimento e não era levada a sério como os homens quando praticavam o esporte. Depois das proibições de prática e do esporte feminino começar a trazer resultados e começar a ganhar espaço nas mídias e pelo público, um ar de esperança foi notado como forma de normalização da prática feminina do futebol, porém ainda muitas montanhas terão que ser escaladas.

As ações de publicidade vêm melhorando em relação ao futebol feminino, sempre tocando nos pontos contra o machismo e contra a sexualização da mulher no esporte. Essas campanhas trazem efeitos benéficos para os times, porém ainda falta muito para a exposição desse esporte estar de forma satisfatória e respeitando as atletas e o esporte.

Em relação à desigualdade salarial e a falta do patrocínio para as mulheres praticantes do futebol entra na discussão geral da desigualdade salarial das mulheres em relação aos homens em todo o mercado de trabalho. Segundo estudos e os dados apresentados anteriormente esse índice vem diminuindo conforme o passar dos anos, pouco e de forma lenta, mas ainda sim vem diminuindo. Dessa forma o futebol feminino não se tornou fonte monetária e principalmente fonte de grandes campanhas internacionais publicitárias como o futebol masculino, assim não faturando milhões por cada temporada.

O futebol feminino ainda vai enfrentar muitas batalhas para conquistar o seu devido espaço dentro do esporte, de forma igualitária e sem preconceitos. Porém não deve ser cessada a discussão dessas diferenças discrepantes das condições dos jogos e da estrutura disponível entre as práticas feminina e masculina e a forma como as atletas são tratadas até hoje.

6. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Mulheres relatam histórias de preconceito ao jogarem futebol nas ruas**. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/mulheres-relatam-historias-de-preconceito-ao-jogarem-futebol-nas-ruas>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BOSCHILIA, B.; MEURER, S. S. Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa. **Revista Digital EFDesportos.com**, Buenos Aires, ano 11, n° 97, jun-2006.

<http://www.efdesportes.com/efd97/mulher.htm>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CARTA CAPIAL. **Até quando o futebol feminino será subvalorizado pela mídia?**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/futebol-por-elas/ate-quando-o-futebol-feminino-sera-subvalorizado-pela-midia/>. Acesso em: 28 jan. 2021

CARTA CAPITAL. **Museu de futebol conta história das mulheres no esporte e exibirá copa**. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/esporte/museu-do-futebol-conta-historia-das-mulheres-no-esporte-e-exibira-copa/>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CENSO 2021. **Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens**. Disponível em:

<https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens.html>. Acesso em: 26 jan. 2021.

CNN BRASIL. **Mulheres ganham 77,7% dos salários dos homens no Brasil, diz IBGE**. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/03/04/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge>. Acesso em: 26 jan. 2021.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. Editora da UNICAMP, Campinas – SP, 1997.

É DESPORTO. **Quando as mulheres foram banidas do futebol em Inglaterra**. Disponível em: <https://edesporto.com/quando-as-mulheres-foram-banidas-do-107863>. Acesso em: 21 out. 2020.

ESPN. **Olímpicas 6: para CBF, clubes que não montam times femininos de futebol têm que fazer sua parte**. Disponível em:

http://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/622568_olimpicas-6-para-cbf-clubes-que-nao-montam-times-femininos-de-futebol-tem-que-fazer-sua-parte. Acesso em: 27 jan. 2021.

ESQUIRE. **The Minimum Pro Female Soccer Salary Is Below the Poverty Line**. Disponível em: <https://www.esquire.com/sports/news/a36233/womens-soccer-pay/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

FALA UNIVERSIDADES. **Futebol feminino já foi crime no Brasil**. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/futebol-feminino-ja-foi-crime-no-brasil/>. Acesso em: 27 jan. 2021.

FIFA. **From honeyball to houghton**. Disponível em: <https://www.fifa.com/womens-football/news/from-honeyball-houghton-2204023>. Acesso em: 21 out. 2020.

GLOBO ESPORTE. **A importância do primeiro jogo oficial de futebol feminino há 133 anos**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2018/03/23/a-importancia-do-primeiro-jogo-oficial-de-futebol-feminino-ha-133-anos.ghtml> . Acesso em: 21 out. 2020.

GLOBO ESPORTE. **História do futebol feminino**. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino#content-1965>. Acesso em: 21 out. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Opinião: precisamos ir além da diferença salarial entre Messi e jogadoras de futebol feminino**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/blog-do-rodriogo-capelo/post/2019/06/20/opiniao-precisamos-ir-alem-da-diferenca-salarial-entre-messi-e-jogadoras-de-futebol-feminino.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: Entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, jun./2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/239555380_Mulheres_e_futebol_no_Brasil_Entre_sombras_e_visibilidades. Acesso em: 26 jan. 2021.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medala de prata. **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 69–82, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/33360>. Acesso em: 23 jan. 2021.

MOURÃO, Ludimila; MOREL, Marcia. AS NARRATIVAS SOBRE O FUTEBOL FEMININO O DISCURSO DA MÍDIA IMPRESSA EM CAMPO. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas - SP, v. 26, n. 2, p. 73-86,

jan./2005. Disponível em:

<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/148/15>. Acesso em: 22 out. 2020.

MÍDIA NINJA. **Quem patrocina o futebol feminino?**. Disponível em:

<https://midianinja.org/copafemininja/quem-patrocina-o-futebol-feminino/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, A. F. D. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Santos - SP, v. 4, n. 13, p. 170-174, nov./2012. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/154>. Acesso em: 21 out. 2020.

PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. Futebol de Mulheres Liderado por Homens: uma análise Longitudinal dos Cargos de Comissão Técnica e Arbitragem. **Movimento**, v. 26, e26060, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100575>. Acessado em: 12 nov. 2020.

REVISTA SÉRIE Z. **Clubes que fazem falta ao futebol feminino brasileiro**. Disponível em: <https://revistaseriez.org/2020/02/17/clubes-que-fazem-falta-ao-futebol-feminino-brasileiro/>. Acesso em: 22 out. 2020.

SANTOS, I. A. D; OLIVEIRA, A. F. D; WICHI, Rogerio Brandão. As formas de preconceito no futebol feminino. **EFDesportes**, Buenos Aires, v. 180, n. 18, p. 1-1, mai./2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd180/preconceito-no-futebol-feminino.htm>. Acesso em: 27 jan. 2021.

SOUZA, J. S. S; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.** Jan./Mar. 2007, v.21, n.1, São Paulo, 2007. p.35-48.

UOL. **Machismo fez Brasil perder fenômeno do futebol feminino para os EUA.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/03/09/machismo-fez-brasil-perder-fenomeno-do-futebol-feminino-para-os-eua.htm>. Acesso em: 26 jan. 2021.

UOL. **Marta: quem é, idade, onde mora, onde nasceu e outras dúvidas.**

Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/faq/marta-quem-e-idade-onde-mora-onde-nasceu-e-outras-duvidas.htm>. Acesso em: 26 jan. 2021.

UOL. **Por que, afinal, o futebol feminino é tão renegado no Brasil?**

Disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/06/08/por-que-afinal-o-futebol-feminino-ainda-e-tao-renegado-no-brasil.htm>. Acesso em: 22 jan. 2021.

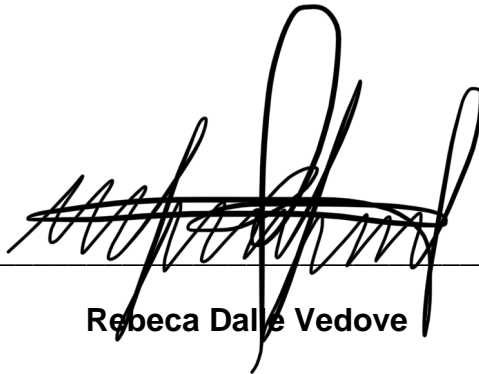
UOL. **Tetracampeãs: Por que os EUA são tão imbatíveis no futebol feminino?**. Disponível em:

<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/07/08/tetracampeoes-por-que-os-eua-sao-tao-imbativeis-no-futebol-feminino/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

ASSINATURA

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Adalberto Cardozo', written over a horizontal line.

Prof. Dr. Adalberto Coscrato Cardozo
Orientador

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Rebeca Dalle Vedove', written over a horizontal line.

Rebeca Dalle Vedove
Discente